

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Roraima*

Class.: 714

Data: 06/88

Pg.: 3

RORAIMA

Mais mortes na área Yanomami

O padre Giovanni Saffirio, da Diocese de Roraima, denunciou a ocorrência de novas mortes em conflitos entre garimpeiros e índios yanomami. Ele disse possuir o depoimento gravado de um homem que relata ter visto 20 corpos massacrados. Afirmou ainda que, no dia 8 de maio, a maloca Tیرهtheri foi atacada por um grupo, resultando a morte de uma criança e o ferimento do pai, Ato Hakomatheri. Há suspeitas de existência de um grupo organizado de jagunços com o objetivo de exterminar índios e fazer avançarem as frentes de garimpo.

Ato Hakomatheri, com cerca de 50 anos, foi baleado por garimpeiros quando se encontrava em visita a

parentes na aldeia situada nas cabeceiras do rio Macajai. Na chegada dos invasores, os moradores estavam tomando mingau. Os homens despedaçaram flechas e cortaram as redes, os esteios da maloca e as bananeiras da roça, expulsando os indígenas do local.

Durante o tiroteio, a filha de Hakomatheri morreu. Ele foi atingido por uma bala, fraturando o braço direito, mas conseguiu escapar, alcançando o Posto Indígena da Funai em Surucucus, centro do território Yanomami, de onde foi resgatado de avião e internado no hospital de Boa Vista.

O padre Saffirio disse, ainda, que um garimpeiro, vindo dos garimpos da área do rio Couto Magalhães, lhe

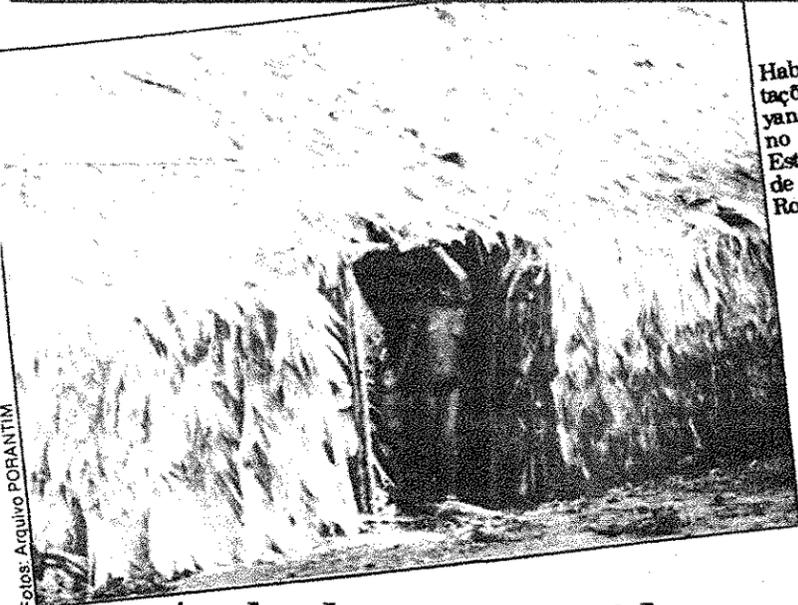
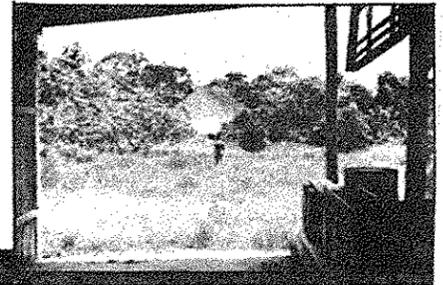
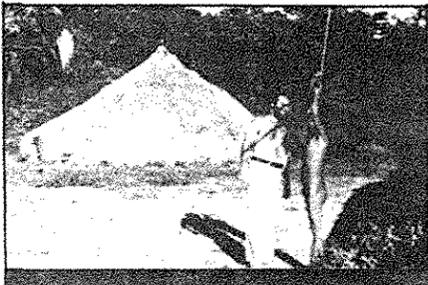
revelou ter visto os corpos de 20 yanomami sendo enterrados no cascalho. "Mesmo assim, — continua — as autoridades do Governo de Roraima e da Funai insistem em desmentir publicamente os choques e mortes na região, alegando uma ridícula convivência pacífica entre índios e brancos".

Segundo Saffirio, há fortes indícios da presença de grupos organizados de jagunços, pagos para ampliar as frentes do garimpo rumo à Serra de Surucucus, que é rica em minérios de ferro e urânio. "De acordo com informações que temos, eles massacraram os Yanomami que encontram em seu caminho", afirmou.

O missionário lembra que, em fevereiro, a imprensa publicou as

palavras do chefe do PI Surucucus, Francisco Bezerra de Lima, admitindo ter conhecimento da morte de pelo menos 50 índios, vítimas de doenças, desde a chegada dos garimpeiros. Saffirio acrescentou que as mortes ocorridas em agosto de 87 (quatro índios e um branco) não foram esclarecidas e seus autores continuam, portanto, impunes.

"O Governo brasileiro repetidamente anunciou a retirada dos garimpeiros da área yanomami, com a finalidade aparente de desencorajar a chegada de outros. A verdade é que até hoje nenhum foi afastado. Estão entrando e se alastrando, atingindo grupos indígenas mais isolados", lamentou o padre.



Habitacões yanomami, no Estado de Roraima

Fotos: Arquivo PORANTIM

Apelo chega ao presidente

Um genocídio de proporções inéditas foi dramaticamente desencadeado em território yanomami, ameaçando a vida de 9 mil índios. A denúncia foi feita por senadores e deputados ao presidente Sarney, solicitando-lhe "urgente intervenção" para conter o processo de extermínio. Os parlamentares enfatizaram que houve uma evacuação seletiva na área, proibindo-se o acesso de médicos e missionários e permitindo-se a entrada de garimpeiros, que continuam circulando livremente em terras indígenas.

De acordo com os constituintes, 6 mil garimpeiros invadiram a área. Esse número teria evoluído 1000% entre agosto do ano passado e março de 88, apesar da interdição determinada pelo Ministério do Interior, em 1982. Os senadores Severo Gomes (PMDB-SP), Jarbas Passarinho (PDS-PA), Mário Covas (PMDB-SP), Fernando Henrique Cardoso (PMDB-SP), Luiz Viana (PMDB-BA), Virgílio Távora (PDS-CE) e os deputados Alcení Guerra (PFL-PR), Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP), Lúcio Alcântara (PFL-CE), Carlos Sabóia (PSB-MA) denunciaram, ainda, a existência de

surtos de malária, gripe e hepatite entre os índios, provocados pela presença do branco.

Os constituintes lamentaram que a evolução dessas moléstias, através do contato desordenado com os invasores, não esteja sendo acompanhada pelas equipes da Comissão pela Criação do Parque Yanomami (CCPY), cujo convênio foi suspenso pela Funai, em setembro do ano passado, após o conflito que causou a morte de quatro índios e um garimpeiro.

Os parlamentares alertaram o presidente de que a invasão garimpeira transforma-se num fator de desmoralização das determinações governamentais. "Acreditamos não ser demasiado tarde para que o governo recupere sua autoridade e contenha o processo genocida que levaria ao desaparecimento da última etnia isolada de nosso País e do mundo", afirmaram. O documento foi entregue ao assessor especial Thales Ramalho, em março, mas o presidente da República somente tomou conhecimento dele em maio.

Na missão Catrimãni, os vestígios da violência

A Funai saqueou a Missão Catrimãni (localizada no quilômetro 145 da Perimetral Norte, em Roraima), arrombou portas, queimou documentos e extraviou livros científicos, monografias sobre os Yanomami e peças arqueológicas colhidas ao longo de 23 anos de trabalho dos missionários na região. Na presença de oficiais do Exército e da Polícia Militar, invadiu suas instalações e transformou-a no Posto Indígena Catrimãni.

Oito meses depois da expulsão dos missionários por aparato policial (em agosto do ano passado), o responsável pela Missão, padre Guilherme Damioli, o bispo de Roraima, dom Aldo Mongiano, e a enfermeira irmã Florença Aguida Lindley viajaram ao local, em abril último, escortados por quatro PMs e oito funcionários da Funai, que não permitiu que fossem sozinhos. Eles contaram que as marcas do espetáculo oferecido aos índios são desoladoras.

Nem o pomar escapou, incinerado em parte pelas inúmeras fogueiras cujos vestígios que o grupo ainda constatou. Diversas peças arqueológicas foram levadas por funcionários da autarquia como "suvénir", e a geladeira onde se conservavam os estoques de vacina e soro anti-oftídico serve, agora, para guardar comida. Os medicamentos se perderam. "Uma criança de três anos, trazida da maloca do Facu, morreu no local, por falta de medicamento. Não há enfermeiro no PI", afirmou Guilherme Damioli.

PERTENCES RETIDOS

A Funai impediu que os missionários retirassem seus pertences da Catrimãni,

exceto algumas roupas. Ficaram retidos documentos, equipamentos de escritório e muitos outros objetos.

Além disso, a Fundação está usando um caminhão, dois motores de popa, uma bicicleta, uma moto Honda e o gerador de luz pertencentes à Missão.

Segundo a Diocese de Roraima, "a equipe da Catrimãni foi retirada pela Funai sob a alegação de que os fatos da chacina do Paapiu fossem esclarecidos, embora a Missão nada tivesse a ver com o referido massacre, com a área de conflito, nem com a área dos garimpos, distante 170 quilômetros de mata densa".

Poucos dias antes da expulsão dos missionários, houve um confronto entre índios e os garimpeiros do Paapiu, onde morreram três Yanomami e um branco. A febre do ouro iludia índios no ganho do dinheiro fácil, o que os fazia aceitar a presença dos exploradores. Com as mortes, em setembro viria a primeira ordem do Conselho de Segurança Nacional para a imediata retirada dos brancos, o que até hoje não se realizou.

Os integrantes da Missão Catrimãni estão reivindicando a cópia do levantamento de bens da diocese, feito pela comissão constituída pelo administrador da Funai em Boa Vista, Esmeraldino Lima, a devolução ou indenização dos bens pessoais dos missionários, devolução de todo o material da diocese e indenização ou reposição dos bens roubados ou inutilizados. Além disso, exigem servidores responsáveis "para impedir que a Missão Catrimãni seja transformada em ruínas", e a presença constante de um enfermeiro que garanta um mínimo de assistência aos índios.